

Há quem acredite que só melhora piorando muito

LUIZ CARLOS LISBOA

O verão impõe torturas e dissabores insuportáveis às grandes cidades de um país que começa a conviver com sua crise político-econômica em clima temperado. Se escasseia a água em alguns bairros de diferentes cidades, se o ar condicionado já não funciona também na cantina, se as autoridades constituídas se acusam mutuamente e atuam sem coordenação, se o presidente insiste no mandato de cinco anos e se alguns grandes jornais estão divididos entre os seus editoriais e a matéria das páginas internas, a vida parece bem mais pesada e os acontecimentos lembram qualquer coisa como uma conspiração para roubar a calma proverbial de um povo que fez do Jó da Bíblia um santo, e da sua resignação um exemplo apazivante.

Mas não é só isso. Saiba-se ontem que o governo federal gastará em janeiro, com pagamento de pessoal, mais do que arrecadará com a cobrança de impostos, tendo de recorrer à reserva de caixa do Tesouro. E a arrecadação das pessoas físicas do Imposto de Renda, que em 1962 cresceu muito mais do que a arrecadação das pessoas jurídicas? Pensando bem, não há nada que haja ocorrido nos dois últimos anos neste país que não tenha sido obra do PMDB, não do verdadeiro, que deu a vital porcentagem política à Assembleia Constituinte, mas o outro, que chama a si mesmo de histórico, que é pequeno mas esperto, e, sendo assim, controla as alianças partidárias. É essa facção de agremiação (essa facção de agremiação) que comanda o espetáculo do poder e tem dado ordens ao presidente da República.

Quando a minoria-agilíssima presenciou seu desgate no conceito popular, obomudou ser identificada com o governo, isto é, com ela mesma, tendo feito então o que a própria mente humana faz de modo sutil, quando é neurótica: dividiu-se entre o que usufrui o poder, e o que fala mal de quem usufrui o poder. Chegou-se, assim, ao ponto de saturação que o lado minoritário oposicionista do PMDB desejava, em que toda a impaciência e revolta populares são descarregadas no governo e no PMDB como um todo, inclusive no seu lado minoritário governista, que faz cara feia mas não larga o osso.

No suadouro do verão, esmagado pelas pequenas incompetências que removem o mínimo de conforto e de consolo nas grandes cidades, o cidadão-eleitor luta por manter a compostura diante de notícias como a do recomeço total das negociações da dívida externa brasileira (torpedeada há algum tempo pela moralória, internacionalmente vergonhosa para o Brasil, imposta pelos "donos" do PMDB, a mesma rapaziada referida acima), o beza-me que cercou a saída do ministro Aníbal Teixeira, do Planejamento, e a sua coragem de iniciar, imediatamente depois do escandaloso ministério, campanha pela prefeitura de Belo Horizonte, e finalmente toda a corrupção que continua jorrando de tudo que é poder no País. A um observador que chegasse aqui e quisesse entender as queixas e clamores que se elevam dos quatro cantos da nacionalidade pareceria que alguém conspira na sombra para aumentar o descontentamento,

para dar força ao ressentimento, para eliminar todo resto de tolerância, paciência e cordialidade que já existiu de sobra nesta terra. Porque esse ministro que saiu agora e que dizem corrupto mais parece um personagem desempenhando um papel odioso. Porque os candidatos à Presidência da República são assustadores demais para serem verdadeiros, lembrando antes as sombras e mamulengos. Porque quando os serripes saíam nas cidades, todos de uma vez, destruindo a mínima dignidade humana (já de si abalada com os grandes problemas nacionais), suspeita-se facilmente que alguma ação está sendo dirigida contra a sociedade para minar sua resistência ao desespero.

Quando os históricos do PMDB (entre eles o senador Severo Gomes, que é também revolucionário de 64, histórico) lutam pelo domínio da Executiva Nacional do partido, encontram resistência não na "massa" partidária, mas no presidente da agremiação e da Assembleia Constituinte, que atua talvez metade por patriotismo e metade em causa própria. Mas a convocação do diretório nacional já é impossível evitar, e a luta interna é fatal. O gigantesco partido tem percorrido muita estrada sem que seus passageiros sejam ouvidos pelos que vão na boléia e falam ao seu nome, indevidamente. Essa reunião do diretório nacional pode ser desastrosa para o grupinho que detém as alianças. A ala esquerda da agremiação, muito ativa mas inexpressiva eleitoralmente — um drama que se repete mundo afora, como se sabe —, dispõe de elementos não caracterizados que podem inspirar confiança à maioria até sua chegada aos portos importantes, mas essa gente não existe em número suficiente para assegurar uma vitória.

E a Constituição, quando será afinal concluída? O relator Bernardo Cabral apresentou, com atraso de 12 horas, seu parecer sobre mais de duas mil emendas ao projeto da futura Carta. As três propostas que receberam mais expressivo número de assinaturas (mandato presidencial, parlamentarismo e presidencialismo) mereceram maiores atenções. De todo modo, os poderes do presidente da República serão reduzidos na Constituinte, fortalecido o Legislativo como nunca antes, no Brasil. Um cálculo realista afirma que os constituintes terão encerrados seus trabalhos por volta de maio ou junho deste ano. O dr. Neryes pode desistir do 21 de abril que andou prometendo nas frequentes entrevistas que concede e continua concedendo. Enquanto isso, para pulverizar esperanças sobre a maturação progressiva do universo político brasileiro, o PPB e o PMB exibiram largamente na televisão uma pobre e míngua inteligência, digna da mais incipiente República cucuracha. Graças ao PT e ao PC do B, o projeto do senador Afonso Camargo, que aliviaria o País desses programas políticos noturnos, teve sua votação impedida. O deputado José Getúlio lutou como um leão a favor dos restos da Lei Falcão, e conseguiu conservar, na geléia geral do País, mais um fator de irritação, ceticismo e ressentimento. Como de resto tem feito, com rara competência, todos os que acreditam que, piorando muito, depois vai melhorar um pouco.